

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE SANTANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO AGROINDUSTRIAL**

SILVIA MICHELE DIAS ALVEZ

**DESENVOLVIMENTO RURAL E ACESSIBILIDADE:
POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

**SANTANA DO LIVRAMENTO
2019**

SILVIA MICHELE DIAS ALVEZ

**DESENVOLVIMENTO RURAL E ACESSIBILIDADE:
POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Cassiane da Costa

**SANTANA DO LIVRAMENTO
2019**

A474d

Alvez, Silvia Michele Dias.

Desenvolvimento rural e acessibilidade: possibilidades e desafios / Silvia Michele Dias Alvez. – Santana do Livramento, 2019.
59 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cassiane da Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2019.

1. Deficiência Física. 2. Desenvolvimento Rural. 3. Inclusão.
I. Costa, Cassiane da. II. Título.

SILVIA MICHELE DIAS ALVEZ

**DESENVOLVIMENTO RURAL E ACESSIBILIDADE:
POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Cassiane da Costa

Aprovada em: 10/12/2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.^a. Cassiane Costa-Orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande de Sul-UERGS

Prof. Me. Marco Aurélio Torres Rodrigues
Universidade Estadual do Rio Grande de Sul -UERGS

Esp. Michelle Castanho Machado
Universidade Federal de Santa Maria- UFSM

Dedico ao meu filho Lucca Tony, que é a razão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por permitir que tudo isso acontecesse, me conduzindo com as devidas lições de amor, fraternidade e compaixão hoje e ao longo de minha vida e por até aqui ter me sustentado em todas as áreas, não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos - é Ele o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço, igualmente, às pessoas que, de maneira muito especial, compartilharam momentos que tornaram possível a realização deste trabalho de conclusão do curso de graduação: minha família, em especial meu filho Lucca Tony Dias, luz da minha vida que sempre me incentivou a não desistir dizendo o quanto ele me ama e torce por mim e também a meu companheiro Marcio Muniz. Ambos sempre estiveram ao meu lado nas horas mais difíceis e felizes da minha vida. Meus pais, Clair Morel Dias e Amaro Rolfo Alvez, por terem me dado a educação e respeito, e por torcerem por mim.

Agradeço também a esta universidade, seu corpo docente, direção, funcionários que proporcionaram um ambiente agradável fazendo com que me sentisse incluída sempre.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação, por a dedicação a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem feito eu aprender, sendo sempre dedicados e aos quais dedico os meus eternos agradecimentos.

A minha ilustre orientadora Prof.^a Dr^a Cassiane Costa, pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho, por nunca desistir do nosso trabalho e ter me ajudado em cada passo, pelas suas correções e incentivos, pelo seu carinho, pelos seus conselhos e amizade.

Aos amigos, meus companheiros de trabalhos em sala de aula e das saídas de campo realizadas durante esse processo e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Agradecimento geral a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, pela amizade, companheirismo e dos quais não citarei nomes, pois foram tantos e deixaram saudades, meu muito obrigado.

Não poderia esquecer de agradecer Claudia Tarabal, à amiga, irmã do coração e minha fisioterapeuta, a qual Deus permitiu que fizesse parte da minha história de vida bem antes de eu pensar em cursar uma faculdade, e que sempre me incentivou a não desistir de meus sonhos e objetivos. Nos dias de dores cuidava de mim e, muitas vezes, largou o que estava fazendo para me ajudar seja no que fosse. No dia que resolvi realizar uma prova de Enem para conquistar uma vaga em alguma universidade, Cláudia foi a primeira a dizer vai você consegue nega, de

maneira carinhosa como me chama. Depois, com o passar dos anos, nas vezes em que tive que me ausentar das aulas para realização de exames e me hospitalizar para procedimento cirúrgicos, e quando perdia trabalhos, aulas explicativas dos conteúdos de provas, e esses momentos me deixavam apavorada e desanimada, muitas vezes pensando em desistir pois pensava que não daria conta pelas dificuldades encontradas, sempre me disse o quanto era capaz e que acreditava no meu potencial, assim como meus mestres.

“Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso ou pessoas fracassadas. O que existe são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles”.

Augusto Cury

RESUMO

Existe efetivamente desenvolvimento sem inclusão e acessibilidade? Como é a relação entre desenvolvimento rural e acessibilidade? Nessa pesquisa busquei entender em que medida a ideia de desenvolvimento rural inclui ou exclui as pessoas que têm dificuldade de locomoção. De forma específica, procurei pesquisar as construções teóricas que aproximam o desenvolvimento rural da acessibilidade, ou as ausências desta; estudar o cotidiano de quem vive no rural e tem dificuldade de locomoção; e interpretar a trajetória de quem estuda desenvolvimento rural e tem dificuldade de locomoção. Entrevistei quatro pessoas que vivem no rural de Santana do Livramento e que são deficientes físicos ou tem mobilidade reduzida. Também trabalhei a minha experiência em um curso de desenvolvimento rural. O encontro das histórias se deu na ASSANDEF (Associação Santanense do Deficiente Físico). Entendo que a ideia de desenvolvimento rural não inclui, é excludente. Todas as pessoas envolvidas neste estudo precisam lutar constantemente para ter qualidade de vida e seus direitos respeitados, como o de ir e vir e o acesso à saúde. Espera-se produzir uma contribuição positiva para a compreensão do tema, capaz de demonstrar que as pessoas com algum tipo de dificuldade de locomoção merecem ter visibilidade para serem ouvidas e respeitadas, sem exclusão. Que isso aconteça em todos os lugares, no rural, na cidade e na universidade.

Palavras-chave: Deficiência física. Desenvolvimento rural. Inclusão.

RESUMEN

Existe un desarrollo eficaz sin inclusión ni accesibilidad? Cómo es la relación entre el desarrollo rural y la accesibilidad? En esta investigación busqué entender hasta qué punto la idea del desarrollo rural incluye o excluye a las personas que tienen dificultad de locomoción. Específicamente, traté de investigar las construcciones teóricas que acercan el desarrollo rural a la accesibilidad, o ausencias; estudiar la vida cotidiana de aquellos que viven en las zonas rurales y tienen dificultades en la locomoción; e interpretar la trayectoria de quienes estudian desarrollo rural y tienen dificultades en la locomoción. Entrevisté a cuatro personas que viven en la zona rural de Santana do Livramento y que están discapacitadas o tienen movilidad reducida. También trabajé mi experiencia en un curso de desarrollo rural. El encuentro de las historias tuvo lugar en ASSANDEF (Asociación Santanense de Discapacitados). Entiendo que la idea del desarrollo rural no incluye, es excluyente. Todas las personas involucradas en este estudio necesitan luchar constantemente para tener calidad de derechos, como ir y venir y acceder a la salud. Se espera que este estudio tenga una contribución positiva a la comprensión del tema y sirva para demostrar que estas personas que tienen algún tipo de dificultad de movilidad que merecen tener visibilidad para ser escuchadas y respetadas en igualdad en su conjunto, sin excluir. Que esto suceda en todas partes, como en las zonas rurales, en la ciudad y en la universidad.

Palabras clave: Inclusión. Discapacidad física. Desarrollo rural.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSANDEF - Associação Santanense do Deficiente Físico

ASPA - Associação Santanense de Proteção aos Animais

AVC - Acidente Vascular Cerebral

INCA- Instituto Nacional de Câncer

PCD - Pessoa Com Deficiência

PNE - Portador se Necessidades Especiais

PPD - Pessoa Portadora de Deficiência

SUS- Sistema Único de Saúde

UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande Do Sul

URCAMP - Universidade da Região da Campanha

UTI- Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	14
2.1. OBJETIVO GERAL.....	14
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3. JUSTIFICATIVA	15
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
4.2. SOBRE DESENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO RURAL	19
4.3. BEM VIVER: UMA ALTERNATIVA AO DESENVOLVIMENTO	21
4.4. ONDE ESTÃO AS AMARRAÇÕES	22
5. METODOLOGIA.....	24
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
6.1. SOBRE A MINHA TRAJETÓRIA NO CURSO SOBRE DESENVOLVIMENTO RURAL.....	25
6.2. TRAJETORIAS E LUTAS DE PESSOAS QUE VIVEM NO RURAL COM DIFICULDADE DE LOCOMOÇÃO	36
6.2.1. Clairto Antônio de Lima.....	36
6.2.2. Horinzontina Rodrigues Vidal	41
6.2.3 Gilmar Antônio Erthal.....	44
6.2.4. Maria Loiva Farias Morel	47
6.3. LOCAL DE ENCONTRO: ASSANDEF	50
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APÊNDICE	56
APÊNDICE A – Roteiro de Questões	56
APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	57

1. INTRODUÇÃO

No município de Santana do Livramento, eu, como portadora de deficiência, vivenciei diversas experiências desagradáveis em lugares públicos, privados e até mesmo em ruas. As pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida lutam pela garantia dos seus direitos. Apesar das conquistas alcançadas por meio de leis e normas, precisamos evoluir bastante no termo referente à acessibilidade, pois essas leis nem sempre são respeitadas.

Ainda caminhamos de forma muito lenta no que se diz respeito à acessibilidade, mesmo com as exigências legais e tantas discussões sobre o assunto. Existem muitas pessoas com deficiência, sendo elas qualquer pessoa que vivencie uma deficiência que limite continuamente as suas funções físicas, sensoriais ou intelectuais; ou tipos de mobilidade reduzida invisíveis, porque, simplesmente, o assunto sair de casa e se deslocar pela cidade é um enorme desafio.

Tratando-se do assunto possibilidades e desafios que as pessoas com algum tipo de deficiência ou mobilidade reduzida residentes no campo enfrentam, talvez seja o mais importante, para a acessibilidade, o transporte e os meios de locomoção. O decreto lei nº 5.296 da pessoa com deficiência, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante remoção de barreiras e obstáculos em vias, espaços públicos e edificações no urbano, nas construção e reformas de edifícios e nos meios de transporte e comunicação. Portanto, o grande desafio da acessibilidade não está somente no meio urbano mas também no rural.

As Leis que garantem o direito do deficiente físico ou de qualquer tipo de mobilidade reduzida, foram criadas e decretadas visando garantir o direito de ir e vir. Elas existem a anos, mas nem sempre são usadas adequadamente por falta de informações e estudos das mesmas. Não encontrei pesquisas relacionando desenvolvimento rural e acessibilidade. Entretanto, existe efetivamente desenvolvimento sem inclusão e acessibilidade?

No início da minha vida acadêmica no Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Uergs, tudo era ainda muito novo pra mim, faziam apenas 3 anos que eu havia me tornado dependente de uma cadeira de rodas. Há 14 anos havia concluído o ensino médio, por ter vivenciado diversas experiências não tão agradáveis em lugares públicos, privados e até em ruas, por não terem o acesso legal de direito.

Veio ao pensamento a preocupação de como eu iria me deslocar, como seria a minha locomoção dentro da universidade, se eu iria me adaptar a essa nova oportunidade, pois muitos desafios e barreiras já tinham sido apresentados e enfrentados até o momento, e eu me inserir

dentro de uma universidade seria mais um desafio a ser vivido. Garanto que no início me senti perdida, não apenas pelo ambiente no qual estava sendo inserida, mas também por ser pessoa com deficiência há tão pouco tempo, pois minha vida tinha tomado um rumo diferente e em proporções totalmente fora da minha realidade de antes de ficar dependente de uma cadeira de rodas, tudo era ainda muito novo. Enfrentei muitos desafios e barreiras, sim!

As experiências novas surgiam a cada dia, desde o meu deslocamento de casa até a universidade, do meu convívio em um ambiente totalmente novo, com pessoas novas e diferentes do meu convívio diário e que agora passariam a fazer parte da minha vida a partir daquele dia. Também fui surpreendida quando começaram as saídas de campo, as quais fazem parte da grade curricular de algumas disciplinas do curso e os passeios em áreas rurais, todas essas atividades as quais saberia que passaria a ter que realizar. Muitas vezes me senti impotente pensando em desistir pois já estava acostumada só em casa, ou o máximo que eu fazia de diferente eram minhas saídas até as fisioterapias, por vergonha ou, quem sabe, por não saber o direito da pessoa com deficiência ou também me sentir invisível na sociedade.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Entender em que medida a ideia de desenvolvimento rural inclui ou exclui as pessoas que têm dificuldade de locomoção.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar as construções teóricas que aproximam o desenvolvimento rural da acessibilidade, ou as ausências;
- Estudar o cotidiano de quem vive no rural e tem dificuldade de locomoção;
- Interpretar a trajetória de quem estuda desenvolvimento rural e tem dificuldade de locomoção.

3. JUSTIFICATIVA

Nos quatro anos do Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural na UERGS de Santana do Livramento, mudou muito minha visão em relação às oportunidades que eu teria por ser uma pessoa com deficiência e me tornar uma desenvolvimentista. No início, cheguei a me perguntar qual era a importância que o curso teria, por se tratar de um curso mais voltado para o rural, e por saber que existiam muitos obstáculos para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, começando pela falta de acessibilidade existente, para garantir o direito de ir e vir a todas as pessoas com deficiência ou alguma mobilidade reduzida e também a mim, que passaria a fazer parte desse universo de ser uma universitária.

Eu não sabia que as leis existentes serviam tanto para o urbano quanto rural, por isso busquei entender em que medida a ideia de desenvolvimento rural incluiria ou excluiria as pessoas que têm dificuldade de locomoção, pesquisei e estudei as dificuldades do cotidiano dessas pessoas passando a entender e assim poder mostrar que todos nós temos o direito descrito em lei que garante o acesso a todos os lugares públicos tanto no urbano como para o rural. Para me sentir visível na sociedade e fazer com que mais pessoas passem a ser, destaquei este tema bem visto nos dias atuais em referência ao urbano, mas com muitas lacunas no que tange ao rural.

Então, conforme as barreiras e desafios iam sendo apresentados e eu era desafiada a enfrentar com minhas limitações, resolvi mergulhar de cabeça e investigar esse assunto sobre desenvolvimento e acessibilidade por ser pessoa com deficiência, por ser universitária do Curso de Desenvolvimento Rural na UERGS e por querer muito que o direito de todos nós deficientes e/ ou com algum tipo de mobilidade reduzida, possamos deixar de ser invisíveis tendo o direito de ir e vir aonde quisermos e sejamos vistos e inclusos no meio social que é um direito por lei, como citei anteriormente.

Infelizmente, perdi muitas saídas de campo durante o curso por falta de acessibilidade. Então pensei, por que somente no urbano o tema acessibilidade é mais discutido e cobrado e no rural não? As leis não especificam se é para urbano ou rural? Se todas as leis existentes sobre acessibilidade asseguram o direito de ir e vir a todos os espaços, por que o rural não se encaixava nelas? Aí, comecei a ler e descobri que sim a lei de acessibilidade é tanto para o urbano como para o rural.

Não encontrei nenhum estudo sobre desenvolvimento rural e acessibilidade. Também existe muito pouco escrito sobre as pessoas deficientes físicas que vivem no rural. Isso precisa mudar. A partir desse estudo, espero que melhorias possam ser realizadas, e todos possam

usufruir, se locomover com conforto e segurança podendo ter acesso aos locais públicos, sendo respeitado seu direito de ir e vir no campo e na cidade para realizar suas atividades. A pesquisa quer servir como um alerta aos órgãos responsáveis para que tais problemas sejam reavaliados e solucionados gerando uma melhoria na qualidade de vida da pessoa com deficiência e ou limitações físicas, mobilidade reduzida.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo conversaremos referente ao tema estudado, buscando fornecer ao (à) leitor (a) algumas informações sobre desenvolvimento rural, dificuldade de acesso e seus desafios os quais essas pessoas que moram na área rural que tenham algum tipo de deficiência ou mobilidade reduzidas enfrentam no seu cotidiano de vida. Esse item está dividido pelos seguintes temas: deficiência física, mobilidade e dificuldades no acesso; metáforas e conceitos dados por desenvolvimento e desenvolvimento rural, e suas amarrações. Enquanto faz a leitura desses itens, deixo a você leitor (a) a seguinte questão a ser discutida e analisada: Por que ainda existe falta de acessibilidade para as pessoas com deficiência ou algum tipo de mobilidade reduzida que residem, queiram visitar ou fazer estudos em áreas rurais do município de Santana do Livramento?

4.1. SOBRE DEFICIÊNCIA FÍSICA E ACESSIBILIDADE

Segundo a legislação brasileira, no marco regulatório da Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, pessoa com deficiência refere-se a qualquer pessoa que vivencie uma deficiência continuamente e a longo prazo que dê limitações às suas funções seja elas, físicas, sensoriais ou intelectuais. Para Ronchetti (2015) em diferente decorrer de tempo, conceitos e nomenclaturas estão sendo modificados de acordo com entendimento da sociedade em relação ao seu desenvolvimento social, econômico e humano.

Antes se tratava de pessoa com algum tipo de deficiência como pessoa inválida, incapacitada, deficiente, entre outros tantos termos que as classificavam. A diferença entre portador de deficiência e pessoas com deficiência é simples; ressalta-se as pessoas por sua deficiência e que a deficiência na maioria das vezes é algo permanente, não cabendo o termo portador (SASSAKI,2002). Em se tratar de deficiente, portador de deficiência ou pessoa com deficiência, qual a termo correto? Estudos mostram que por volta da metade da década de 1990, a terminologia utilizada passou a ser pessoa com deficiência, que permanece até hoje.

PcD é uma sigla que tem como significado pessoa com deficiência e é utilizada para se referir a todas as pessoas que possuem limitações permanentes (sendo elas com deficiência visual, auditiva, física ou intelectual), também temos as siglas PNE que significa portador de necessidades especiais e PPD pessoa portadora de deficiência (as quais não são as mais adequadas); recomenda-se usar “pessoa com deficiência “ou PcDs; a sigla é invariável.

Em relação à acessibilidade, as principais leis direcionadas são o Decreto nº 5.296/2004, a Lei 10.048 de 8 de novembro de 2000 e a Lei 10.098 de 19 dezembro do ano de 2000. A primeira deu prioridade ao atendimento às pessoas com deficiência e a segunda estabeleceu normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade para as pessoas com deficiência. Em 2004, o decreto nº 5.296 regulamenta estas duas leis, segundo as quais as pessoas com deficiência bem como as com mobilidade reduzida, gestantes, pessoas com crianças de colo, obesos e idosos foram beneficiadas. Recentemente foi aprovada a Lei 13.146 de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), conforme Castro. (2013)

Segundo o que diz a Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000, no capítulo I com suas disposições gerais no Art. 53, acessibilidade é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social. O Art.1º essa lei estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante remoção de barreiras e obstáculos em vias, espaços públicos e edificações no urbano, nas construções e reformas de edifícios e nos meios de transporte e comunicação. Para fins desta lei, são estabelecidas definições no Art.2º que passa a vigorar com as seguintes alterações: acessibilidade possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia em espaços mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informações e comunicações, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público ou privados de uso coletivo na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida e que barreiras: qualquer entrave, obstáculo que limite ou impeça a participação social, bem como gozo, a fruição e o exercício de seus direitos a acessibilidade, a liberdade de movimento e de expressão, a comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros (BRASIL, 2015).

De acordo com o conceito de acessibilidade dado pelo Decreto 5.296, de 2 de dezembro de 2004. A acessibilidade é definida:

[...] como condição de alcance para a utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2004, p.45-46).

Então, se as pessoas não tiverem o acesso à mobilidade, elas não têm acesso à cidade; e se elas não tem acesso à cidade, não têm acesso a lazer, educação, saúde. E mesmo que elas tenham uma mobilidade, e que consigam chegar do ponto A ao B, e se isso não se relacionar

com o trabalho delas, com os horários de estudos e com as disponibilidades dos espaços, elas ainda assim não terão o direito às cidades e é esse direito que está sendo sancionado por lei.

4.2. SOBRE DESENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO RURAL

Sobre o assunto desenvolvimento, Gustavo Esteva cita no livro *Dicionário do desenvolvimento*, em 2000; que nos dias atuais quando nos referimos ao termo desenvolvimento, estamos referindo a um termo extremamente contrário do que realmente queremos expressar. A partir da Segunda Guerra Mundial no século XX e com o surgimento da invenção do subdesenvolvimento, os vários conceitos referentes ao termo desenvolvimento começam. O discurso de Truman criou países subdesenvolvidos. Com esse surgimento os Estados Unidos foram considerados como uma máquina produtiva formidável e incessante e sem precedentes na história e o termo desenvolvimento passou a ser como uma nova percepção do “eu e do outro” (SACHS, 2000).

Conforme Sachs (2000) vários desenvolvimentos foram criados ao longo do tempo, como desenvolvimento econômico, desenvolvimento econômico e social, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento territorial, etnodesenvolvimento, etc. Conforme as críticas iam surgindo, o desenvolvimento trocava de qualitativo, sendo que nem sempre agradava todos os pesquisadores.

Sachs(2000) diz que o termo desenvolvimento não consegue ter separação das palavras com as quais foi criado: sendo elas crescimento, evolução, maturação. Da mesma forma como nos dias atuais os que usam a palavra não conseguem se libertar da teia de significados os quais causam cegueira em linguagem, pensamento e ação. A partir deste momento, o desenvolvimento é a palavra mágica que solucionará todos os mistérios que rodeiam e que ao menos irá guiar-nos até essas soluções. Porém, o termo usado como desenvolvimento não tem significado positivo para dois terços da população mundial, após dois séculos de sua construção social, tendo como lembrete daquilo que eles não são e fazendo com que tenham lembranças de si, como algo em condição indesejável e indigna, precisando escravizarem essas experiências e sonhos alheios pra poder escapar dessa condição (Sachs, 2000).

Em outra perspectiva, Sérgio Schneider e Fabiano Escher, no seu dossiê de Sociologia de 2011, dizem que o termo desenvolvimento está de volta para mostrar os processos de mudanças e transformações em questões políticas, econômicas, ambientais e sociais. Essas preocupações reanimaram as discussões sobre o desenvolvimento implicando a retomada de antigas questões, como crescimento econômico e destruição de riqueza.

Então Schneider, (2011) relaciona e agrega a questão de sustentabilidade democracia e gestão social, construindo o nosso desenvolvimento e assim retorna a discussão sobre desenvolvimento. Ele cita Polanyi, um autor não muito conhecido no âmbito de estudos relacionados ao desenvolvimento rural, que entende o desenvolvimento como um processo que possui duplo movimento contrapondo a tendência mercantilização e auto regulação do capitalismo em contra movimento de proteção.

Com isso, Eric Sabourin contribui com o resgate da teoria da reciprocidade aos estudos de sócio antropologia do desenvolvimento no qual discute a aplicação do desenvolvimento contemporâneo ressaltando a importância da solidariedade, gestão e suas biodiversidades. Bernstein recorre a tradição de economia política marxista que discute condições e possibilidade dos camponeses contextualizando o desenvolvimento atual e conhecido na Europa por causa de sua contribuição nos estudos sobre campesinato e questão agrária, em especial na África e Ásia (SCHNEIDER, ESCHER, 2011).

De acordo com Veiga (2000), não existe o desenvolvimento rural como fenômeno concreto e separado do desenvolvimento urbano. Sendo desenvolvimento um processo complexo, por isso muitas vezes se recorre ao recurso de simplificação, onde se estuda separadamente, como exemplo, o desenvolvimento econômico, ou, também como Veiga propõe, podendo estudar separadamente o lado rural do desenvolvimento.

Conforme Baptista (2001), explica que a Sociologia Rural no século XX distinguiria rural e urbano, “estabelecendo a conexão entre elementos caracterizadores e procurando explicar com base em algumas variáveis ocupacionais, tamanho das comunidades, densidade populacional, homogeneidade e heterogeneidade das populações, complexidade social, mobilidade social entre outras variáveis como sistema de integração social, nos diferentes graus do rural e do urbano, que se ordenavam no espaço, sem rupturas em continuo grau entre os polos externos” (BAPTISTA,2001, p.55).

Mas os elementos definidores do rural foram ao longo da história ganhando modificações, ganharam novos contornos, a grande propriedade já não reina absolutamente, a agricultura passou por modernizações, a população rural passou a ter rendimentos nas cidades, a própria indústria invadiu o espaço rural. Também teve diminuição nas diferenças culturais e formas de associabilidade entre campo e cidade (KAGEYAMA, 2008).

O termo desenvolvimento rural tem de específico o fato de referir-se a uma base territorial, local ou regional, a qual interagem diversos setores produtivos e de apoio. Nesse sentido trata-se de um desenvolvimento multissetorial, onde as áreas rurais desempenham diferentes funções no processo geral de desenvolvimento (VAN DEPOELE, 2000).

O desenvolvimento rural requer a participação tanto da agricultura, com sua contribuição para a criação de uma atmosfera empresarial e identidade cultural que impulsionam os sistemas produtivos. A agricultura além de participação na criação de valor e geração de postos de trabalho, contribui para a conservação da paisagem e meio ambiente, com técnicas eco- compatíveis e preservação do território (VAN DEPOELE,2000).

Para Van Depoele (2000) a análise do desenvolvimento rural deve contemplar, o desenvolvimento agrícola e o desenvolvimento da rede urbana local e regional, pois nesses espaços muitas famílias agrícolas encontram fontes de renda complementares e vitais para preservação da própria atividade agrícola. Nesse sentido considera que no Brasil, estados como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul são áreas privilegiadas para entender os novos rumos do desenvolvimento rural.

Para Veiga (2001), desenvolvimento rural tem por principais fatores a menor desigualdade no acesso à terra e à educação, potencializando o crescimento da renda e a redução da pobreza nas áreas rurais. A agricultura diversificada notadamente a de base familiar favorece a mobilidade e articulação social, em redes de pequenas e medias propriedades tendo mais chance de alavancar o desenvolvimento local nas regiões rurais. A distribuição espacial equilibrada de atividades e a presença de arranjos institucionais adequados permitem valorizar o território e desencadear para o desenvolvimento rural (VEIGA, 2001).

4.3. BEM VIVER: UMA ALTERNATIVA AO DESENVOLVIMENTO

Bem viver surge como alternativa aos conceitos convencionais sobre o desenvolvimento, sendo um conceito em construção. Se esse for sozinho e muito fechado, perde a base de se adaptar mas diferentes realidades, culturas, oportunidades ou opções a construir, conforme Costa (2008).

Bem viver incorpora a natureza na história que se apoia na visão de mundo dos povos indígenas, vinculando os saberes e tradições. Para Costa (2008), bem viver não são só os bens materiais, existem outros valores importantes como o conhecimento, o reconhecimento social e cultural, também as condutas éticas, espirituais na relação com a sociedade e a natureza, os valores humanos e a visão do futuro entre outros valores existentes. Bem viver é recuperar o modo de vida de comunidades rurais, sua cultura de vida, ou seja, recuperar nossa própria vida por completa, tendo harmonia e respeito com a natureza, onde tudo é vida (CHOQUEHUANCA, 2010).

Em relação ao plano de construção do conceito de bem viver, as ideias estão relacionada às críticas ao conceito de desenvolvimento, o apego ao progresso fazendo dessas críticas para as pessoas repassarem suas ideias de mundo; em relação aos discursos se faz os discursos e legitimação dessas ideias, não aceitando crescimento econômico e consumo material como indicadores de bem estar, consumo e renda como a sendo palavra-chave (GUDYNAS, 2011).

A qualidade de vida tem outros indicadores sendo relacionados à proximidade com a natureza, viver bem a vida e conviver bem entre as pessoas. Viver bem foca na qualidade de vida, segundo conceito de Bien Vivir, mas não entende qualidade de vida como consumo ou propriedade. Não é suficiente tentar desenvolvimentos alternativos, a mesma lógica de entender algum progresso, uso da natureza e as relações entre os seres humanos, tem que construir alternativas ao Desenvolvimento (GUDYNAS, 2011).

Conforme Gudynas (2011), nas constituições de Equador e Bolívia, o desenvolvimento deve servir ao bien vivir, sendo definido desenvolvimento como um conjunto organizado, sustentável e dinâmico de todos os sistemas sendo eles econômico, políticos, sociocultural e ambiental, que garantem a realização do Bem viver. As manifestações do bem viver são específicas a uma cultura, uma língua, uma história, um contexto social, político e ecológico particular.

Bem viver tem lógica para reconhecer e alocar valores, descolonização dos saberes, abandono da racionalidade de manipulação e instrumentalização. Bem viver tem a promoção ao diálogo e encontro de diferentes saberes que trazem concepções diferentes da natureza, fazendo ampliação nas comunidades, transformando um lugar para vivências e afetos. Bem viver se contrapõe em relação as concordâncias ao desenvolvimento convencional e seus efeitos negativos. Não tem postura linear, nem única, depende outra postura de relação com a natureza. Bem viver não coloca preço nas relações sociais, onde não pode mercantilizar, dá novo conceito de qualidade de vida, não relacionando às rendas (GUDINAS, 2011).

4.4. ONDE ESTÃO AS AMARRAÇÕES?

Mesmo havendo vários conceitos para o termo desenvolvimento e com suas mudanças na atualidade não encontramos nenhum conceito que ligue diretamente o desenvolvimento com acessibilidade. Nos cabe perguntar se interessa ao desenvolvimento e ao desenvolvimento rural a verdadeira inclusão. Também poderíamos perguntar se a noção de bem viver não é melhor para dar conta da inclusão e da diversidade.

5. METODOLOGIA

Essa pesquisa é de cunho qualitativo e um estudo de caso. Para alcançar os objetivos estipulados, optamos pela combinação de várias ferramentas: revisão teórica dos aportes sobre o tema em livros, artigos e trabalhos de conclusão de curso, pesquisa em leis sobre acessibilidade no Brasil, realização de entrevistas com moradores/as do rural de Santana do Livramento, e relato das memórias da autora da pesquisa durante o Curso de Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial. Também utilizamos o recurso das fotografias. A abordagem qualitativa, pela escolha técnica de entrevistas semiestruturadas, é usada com frequência pelas ciências sociais para enfatizar a complexidade da situação, desvendando a multiplicidade de fatos que determinam a realidade estudada (NEVES,2011).

Para as entrevistas utilizamos um roteiro de questões semiestruturadas. (APENDICE A). Elas foram gravadas com autorização dos/as entrevistados/as, e posteriormente transcritas. Além disso, cada entrevistado/a assinou um Termo de consentimento livre e esclarecido (APENDICE B). As entrevistas foram realizadas com quatro pessoas que residem no rural que tem algum tipo de deficiência ou mobilidade reduzida, as mesmas autorizaram usar nomes originais no trabalho.

Entrevistei dois homens e duas mulheres. Eles/as são do Assentamento Apolo, Assentamento Paraíso 2, Assentamento Conquista do Cerro da Liberdade e Localidade Passo dos Guedes. As entrevistas foram realizadas no período entre outubro e novembro de 2019 nas casas dos/as entrevistados/as ou na Assandef (Associação Santanense do Deficiente Físico).

O deslocamento até as propriedades foi feito através do carro de minha orientadora, e junto com ela. No dia de duas das entrevistas realizadas na Região do Cerro da Cruz, eu me encontrava com muita dor na coluna, tendo que tomar medicamento, mas mesmo assim fui. No trajeto até chegarmos ao local, enfrentamos muita dificuldade de acesso, pelas estradas estarem ruins e de péssima trafegabilidade. Foi uma aventura, durante o trajeto além de muito buracos, as estradas tinham valo de água, pedras, sendo realmente péssimas. O acesso a uma das casas com a cadeira de rodas também foi difícil, necessitando do auxílio de um morador local para empurrar com força a cadeira sobre os capins.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esse item apresenta os resultados das entrevistas que realizei com quatro pessoas do município de Santana do Livramento que residem na área rural e tem algum tipo de deficiência ou mobilidade reduzida. Antes trazer à tona suas histórias e lutas, apresento a minha trajetória no Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial que também faz parte dos resultados dessa monografia.

6.1. SOBRE A MINHA TRAJETÓRIA NO CURSO SOBRE DESENVOLVIMENTO RURAL

Primeiramente gostaria de relatar como tudo iniciou. No ano de 2016 uma nova etapa se iniciava na minha vida, eu uma dona de casa, mãe e cadeirante passaria a ser a mais nova universitária da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, unidade de Santana do Livramento. A UERGS me abraçou com muito carinho. Começou com o trote. No primeiro dia do trote os veteranos da UERGS foram até nossa sala de aula dando a todos as boas vindas, entraram soprando apitos, pintando todos e claro dizendo o quanto eles e a UERGS sentiam o prazer e felicidade de estarmos ali ingressando no ano como universitários. A alegria tomou conta e começou a brincadeira, nossa turma era enorme.

Eu pensei, assim como alguns colegas ali chegando, que o trote seria somente pintar de leve e pronto, conforme mostra a figura abaixo.



Figura 1 - Primeiro dia do trote (Março /16). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Me enganei, assim como alguns colegas pois era algo novo para mim também. Os veteranos dando seguimento ao trote, nos desafiaram a arrecadar ração, estipulando um prazo de uma semana para a turma arrecadar uma quantidade significativa para os animais da ASPA (Associação Santanense de Proteção aos Animais). Não me lembro a quantidade mais sei que não foi pouco, e disseram que se conseguíssemos arrecadar não seríamos mais pintados. Mas lembro no final que fomos enganados em forma de segunda etapa do trote, pois mesmo a turma conseguindo, eles novamente nos pintaram e nos levaram às ruas naquele estado, fazendo a turma desfilar, fazer juramento, pagar prendas, entre outros. E ainda tiram fotos da turma em fila. A brincadeira tomou conta daquela noite.



Figura 2 - Segundo dia do trote (Março /16). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na mesma noite, depois de pintados e recebidos com essa energia boa por todos da universidade, aconteceu a contagem e entrega das rações aos beneficiados, assim como mostra a figura abaixo.



Figura 3 – Turma DRGA/16 realizando a contagem e entrega das rações (março 2016). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nossa turma era grande, e todos com a tarefa do trote entramos na brincadeira, nos dedicamos a realizar cada etapa para que conseguíssemos arrecadar a quantidade estipulada. No final, foi gratificante e ao mesmo tempo uma maneira de ajudar os animais de rua e da turma ir se conhecendo melhor. Por ser cadeirante, lembro muito bem da experiência, da qual todos fizeram questão que eu participasse e me ajudaram e me incluíram na brincadeira.

Essa noite foi mesmo incrível, além de ser pintada novamente, tive a alegria de chegar em casa e ser recepcionada pelo meu filho com direito à foto e carinho de surpresa, pois ele adorou a ideia da mãe se tornar universitária.



Figura 4 – Self com o filhão Lucca (Março /16). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No início me senti perdida, tendo que me adaptar em um lugar novo. Tudo era diferente do que estava acostumada, e também fazia muito tempo que eu não fazia parte de uma sociedade na qual houvesse várias pessoas diferentes incluídas diariamente e tendo que realizar provas, trabalhos, atividades em grupo, ficar quatro horas dentro de uma sala de aula, etc. Me passou um filme de como eu enfrentaria tudo isso e se iria conseguir. Mas graças a Deus o tempo foi passando a turma se encontrando, nascendo amizades, mais entrosamento dos colegas e a cada semestre que terminava, mais ia me apaixonando pelo curso e vendo do que seria capaz de realizar mesmo tendo limitações.



Figura 5 – Turma DRGA final do primeiro semestre (Julho/16). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esse registro foi no último dia de aula do primeiro semestre, no qual o professor Márcio resolveu realizar aula numa sala do segundo andar, ou seja, num lugar novo, diferente do que estava acostumada desde o ingresso na universidade. Foi a primeira vez que utilizei a plataforma disponível na universidade para eu me locomover até o segundo piso e poder participar da aula. Nesse dia tive ajuda de um funcionário, nosso querido sr. João, e alguma colega que não lembro quem, mas a quem sou grata pelo apoio de sempre.

Os churrascos foram importantes nessa caminhada. No primeiro, organizado pelos colegas de turma, tivemos a oportunidade de conversarmos, reunir a turma que estava se conhecendo, pois afinal teríamos quatro anos pela frente e só estávamos no início. Precisávamos nos enturmar pois passaríamos juntos todos os dias em salas de aula e tendo que conviver com as nossas diferenças. Pena que foram poucos no primeiro, mas foi uma noite agradável e assim conversamos e começou o entrosamento. Mas, na medida que outros churrascos de encontro da turma iam sendo organizados, mais colegas participavam e outros lugares surgiam para que

fosse possível realizar. Sempre tivemos colegas que disponibilizavam suas casas para realizar esses encontros. Sempre que possível, eu ia para me divertir e me enturmar mais.



Figura 6 – Churrasco na casa dos colegas Cristiane e Vlademir Brum (Abril/2016). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa noite estava frio, mas a recepção foi maravilhosa pelos colegas, donos da casa e seus pais que, muitos gentis e parceiros, abriram sua casa para que pudéssemos nos reunir e dar um pouco de risada. O segundo encontro já tinha mais colegas e também seus familiares.



Figura 7 - Terceiro encontro da turma (8/12/2018). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Com o passar dos anos de curso várias atividades foram surgindo e alguns desafios também. Em algumas atividades, participei para saber até onde seria capaz de ir e também para

eu me incluir e saber das dificuldades de acesso que encontraria. Tivemos palestras, eventos e aniversários dos quais participei, como mostram os registros a seguir:



Figura 8- Turma DRGA em Palestra no prédio da Associação Rural, Pecuária. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A primeira palestra ocorreu numa noite fria de inverno. Ela foi realizada na Associação Rural de Livramento - Pecuária. Fui de carona com o prof. Márcio. Encontramos um pouco de dificuldade no desnível do piso na chegada, mas isso foi superado.

Sempre tive o apoio e ajuda de todos na universidade quando tive alguma dificuldade, seja por não ir as aulas por motivos de saúde ou por ter que me manter hospitalizada por várias vezes, inclusive passando por procedimentos cirúrgicos. Também pelo fator climático, como os dias de chuva muito forte que me impediam de ir porque me molharia, por ser cadeirante e não ter uma vaga adequada para mim com cobertura, sinalização de vaga para cadeirantes perto da porta da universidade por onde eu entro. Fui a uma aula com chuva, me molhei na chegada à universidade e permaneci molhada durante toda a aula. Após aquele dia fiquei doente e comuniquei aos professores que não iria mais à aula em noites chuvosas.

Em todos esses fatos eu me lembro que a ajuda dos funcionários, amigos e professores sempre se fizeram importantes. Lembro que muitas dessas vezes eu pude contar com cada um que, de seu jeitinho carinhoso, sempre estiveram à disposição para me ajudar. Sou grata aos colegas, funcionários e mestres que sempre me deram o apoio e tiveram consideração fazendo assim com que eu não desistisse. Deixo aqui alguns registros desses momentos.

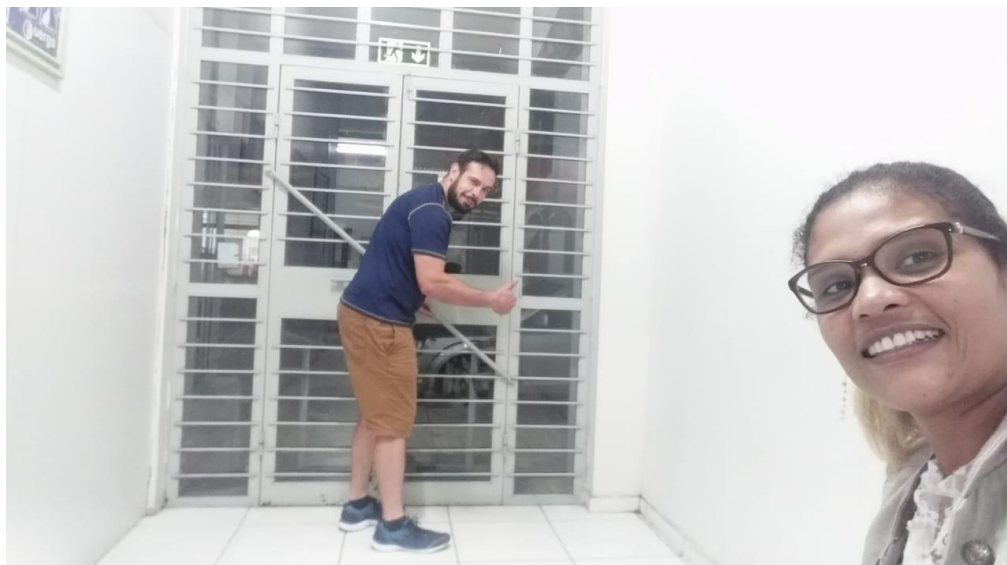


Figura 9 - Funcionário Atilio me ajudando na saída da universidade (2019). Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 10 - Funcionário João e amiga Cintia me auxiliando na chegada da universidade (2019). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em relação à estrutura da universidade, desde o início a começar pela mesa, deram um jeito e arrumaram uma própria para mim. Também tem rampa de acesso na porta lateral, embora não esteja em perfeitas condições, e banheiro adaptado para deficientes. No início, passei por eventuais desconfortos quando tive que ir ao banheiro com uma lanterna na boca por não ter luz, o que foi solucionado pelos funcionários.

Os colegas sempre foram parceiros e amigos. Também não poderia esquecer dos monitores sempre à disposição para me ajudar, seja para comprar um lanche pra mim fora da universidade, ou pra me dar apoio pra me locomover até o carro, seja na entrada ou na saída da universidade. Também tiveram as caronas recebidas na entrada ou saída da universidade. Quando não podia pagar um táxi, ou acontecia alguma coisa com o carro no qual eu costumava me locomover, sempre tinha um amigo ou até um professor à disposição, tudo para que eu não faltasse ou pudesse ir a determinado local. Serei grata a cada pessoa amiga que me ajudou de uma forma ou outra para que tudo fosse possível.

Várias vezes tive carona de amigos para vir até a universidade, da professora e minha orientadora Cassiane tanto para as saídas organizadas como até em casa. A ajuda dos funcionários da universidade também foi importante, pois quando vinha de táxi, eles estavam sempre à disposição para me ajudar a me locomover até a parte interna da universidade, pois as vezes parava longe, por não ter estacionamento disponível.

Os mestres excelentes que fizeram parte dessa minha trajetória e que tornaram amigos os serei grata por tudo que me proporcionaram nesses quatro anos de curso. Também uma das coisas que sempre me chamou atenção, é que nunca me trataram como coitadinha e sim sempre tentaram me incluir em todas as atividades que o curso oferecia e a turma organizava.

Eu me sentia incomodando quando chegava na aula atrasada; e por ser cadeirante e por não querer incomodar os colegas com barulho, principalmente quando estavam no meio de uma explicação de um professor, prova ou trabalho, eu me arrumava em uma classe qualquer, ficando desconfortável, só para não atrapalhar, mesmo sabendo que os colegas e mestres compreenderiam.

Os anos foram passando e mesmo com as dificuldades que eu tinha eu fui me apaixonando pelo curso e querendo cada dia mais poder realizar tudo o que ele oferecia, mas com minhas limitações sabia que não poderia participar de tudo por não ter acesso. Com certeza esses momentos me proporcionariam experiências, conhecimentos e faria eu me sentir incluída em todas as atividades.



Figura 11 – Apresentação dos trabalhos de Marketing (10/2019). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa foi uma atividade de marketing com o professor João, na qual o meu grupo apresentou um trabalho que mostrava o diferencial que uma agroindústria tinha para oferecer seu produto. Esse trabalho teve direito a chocolate como brinde para o grupo ganhador, e o meu foi o vencedor da noite, fazendo parte da atividade. Ao mesmo tempo, foi uma brincadeira que serviu de experiência para o curso.

Muitos colegas desistiram por razões que só eles sabem, mas deixam lembranças. A cada chegada de fim de semestre eram aprendizados, amizades, confiança em mim mesma, na minha capacidade, na minha força de vontade. Tudo estava sendo construído de maneira satisfatória.

Também confesso que houve trabalhos de campo que me aventurei a realizar, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentaria pela carência de acessibilidade existente nas áreas rurais. A primeira foi na agroindústria de queijos Dona Zelda, um lugar na saída da cidade, em que tive carona do colega João Alberto, que sempre esteve à disposição, juntamente com a colega Natieli, os quais realizamos o trabalho sobre a maneira de se criar uma agroindústria familiar.

Na propriedade, tive alguma dificuldade mas a ajuda dos colegas me fez participar e me sentir incluída, embora a acessibilidade não fosse boa pelos declives na área. A dona da propriedade nos recebeu muito bem, contou sua história de luta, sua experiência e dificuldades encontradas para poder construir sua agroindústria, sendo ela a primeira na região a receber o selo gaúcho e a formalizar sua agroindústria de queijo.

Outra saída para realização de um trabalho no sexto semestre iniciou com o agricultor familiar indo até a minha residência para me buscar. O casal Tiarlei e Kelli nos receberam com muito carinho, contaram sua história de vida na propriedade, suas lutas e assim coletamos dados para realização de um relatório. Esse trabalho foi realizado juntamente com o meu colega Jonhs. Confesso que foi difícil pelo fato da acessibilidade, mas me superei e demos um jeito. Pena que não pude entrar nas estufas, mas o agricultor e meu colega me carregaram para que eu pudesse conhecer melhor o local de produção.



Figura 12 - Segunda saída de campo na Granja dos Limas (28/10/2018). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As saídas de campo foram ocorrendo e eu me aventurando a realizá-las, mesmo sabendo das dificuldades. Algumas não realizei por não ter possibilidade alguma, mas a vontade era muita de participar de todas. Com a professora Cassiane, em Economia da Cooperação, visitamos as casas das catadoras integrantes da Associação Novo Horizonte. Em uma das visitas, a turma ficou na rua e eu dentro do carro, pois não havia como eu ir até a casa por ser num beco e ter muitos buracos. As catadoras foram até mim, conversamos e cada integrante da associação contou sua história e seu sonho. Foi uma noite de experiência muito gratificante e participei como pude, pois sempre faziam questão que eu participasse e estivesse incluída nas atividades, mesmo com minha limitação e sabendo da falta de acessibilidade na cidade e no campo.



Figura 13 - Saída de campo na Granja Lima (10/2019). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa saída de campo organizada da foto acima aconteceu já no oitavo semestre. O dia estava meio nublado e foram poucos colegas, mas eu, mesmo sabendo das dificuldades que teria, resolvi participar e paguei uma pessoa para me levar até o local. No retorno, a professora deu uma carona.

Nesses quatro anos de curso, infelizmente, foram somente umas cinco saídas de que participei. Ou seja, a maioria não realizei por falta de acessibilidade. Mas eu precisei realizar algumas para só assim saber das dificuldades encontradas e não só vivenciadas por mim mas também pelas demais pessoas com deficiência ou alguma mobilidade reduzida que quiserem cursar esse curso de desenvolvimento rural.

Nas viagens oferecidas pela universidade, sempre me batia aquela vontade de participar, mas sabia que primeiramente eu precisava me informar se tinha acesso aos lugares e também ao transporte e então eu sempre perguntava para os professores como era esta questão, e assim me desanimava pois nunca tinha acesso e pelo fato de ser cadeirante se tornava difícil participar. Batia a tristeza por cursar um curso de desenvolvimento rural e não poder participar das coisas que ele oferecia. Na última viagem de estudos à região de Santa Cruz do Sul, iria participar, combinei com a professora, mas tive um imprevisto e não pude ir.

Tudo isso por não saber que a Lei nº 13.835, de 4 de junho de 2019, que fala da acessibilidade; a qual estabelece o direito a possibilidade e as condições de alcance para utilização, com segurança e autonomia em espaços ou serviços de uso público ou privado de uso coletivo sendo a mesma direcionada tanto no urbano como no rural. Essa lei é direcionada para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Então não participei e nem busquei

por meus direitos por não saber da lei. E o querer participar de saídas de campo e não poder me deixava muito triste e fazia eu pensar muitas vezes em desistir por precisar ter acesso e muitas das vezes este não existir no meio rural e pela locomoção difícil até as agroindústrias familiares. Por não ter acesso me sentia ainda mais incapacitada.

Eu penso que o município de Santana do Livramento, vive uma grande carência de acesso adequado para pessoas com deficiência, mesmo que tenha melhorado em algumas áreas urbanas, como hotéis e alguns estabelecimentos públicos. Temos que evoluir bastante em relação à acessibilidade.

Somos 13 municípios na Fronteira Oeste. Santana do Livramento, tem uma população de aproximadamente 84.464 habitantes, onde pelo menos 24 % dessa população tem algum tipo de deficiência (LANG,2019), Ou seja, $\frac{1}{4}$ dessa população tem pelo menos algum tipo de deficiência.

6.2. TRAJETORIAS E LUTAS DE PESSOAS QUE VIVEM NO RURAL COM DIFICULDADE DE LOCOMOÇÃO

Os/as quatro entrevistados/as são pessoas que sofreram algum tipo de doença neurológica ou acidente doméstico, que resultam incapacidade de locomoção física e motora, necessitando de cuidados especiais. Todo/as residem no rural do município, em localidades diferentes. Um dos entrevistados reside com sua esposa e filho, outra com o irmão por ser viúva, outro somente com seu pai, e uma sozinha pois morava com a irmã hoje falecida. Das pessoas que entrevistei, três deles vieram de cidades distintas: Liberato Salzano (SC), Trindade do sul (RS), Três Passos (RS) sendo apenas uma natural de Santana do Livramento.

Dando continuidade, passo para narrativa das trajetórias e lutas relacionadas às entrevistas realizadas.

6.2.1. Clairto Antônio de Lima

Clairto de Lima, com 44 anos de idade, é oriundo de Liberato Salzano, município do RS localizado perto de Chapecó (SC). Ele é filho de família de agricultores sem-terra. Ele e sua família trabalhavam como meeiros com outros agricultores quando ele era ainda jovem. Clairto conta que quando resolveu sair de casa, teve que permanecer acampando por dois anos pela estrada. Quando saiu de Liberato Salzano em busca de terra, foi para Panambi, passando por Cruz Alta e Júlio de Castilho até chegar em Santana do Livramento.

O agricultor Clairto veio para Santana do Livramento com um sonho em ter seu pedaço de terra, ficando anos em acampamentos, na luta. Reside há 23 anos na localidade denominada "Cerro da Cruz", Assentamento Apolo, juntamente com sua esposa e seu filho de 21 anos. Ele cursou até a 5ª série, pois relatou que na época que era criança não havia tanta exigência pelos estudos, por se ter que começar a trabalhar no campo ajudando os pais muito cedo.

Antes do acidente, ele era uma pessoa que fazia de tudo; era pintor, mecânico, tratorista, trabalhou com plantação de fumo e outras atividades agrícolas. Salientou que há cinco anos sua vida teve uma mudança radical, pois acidentou-se quando estava trabalhando perto de casa, caindo de uma altura de mais ou menos 3 metros.

Na hora em que o fato ocorreu, imediatamente observou que não sentiu mais as pernas e logo lhe faltou o fôlego. Ele pediu para os que se encontravam no local para que o colocassem num carro e levassem para o hospital, mas não aguentou a dor e pediu que o retirassem. Relata que o socorro da ambulância demorou muito, pois as pessoas que chamaram não souberam explicar o lugar certinho e a ambulância se perdeu, após passar algumas horas com dor, enfim o socorro chegou. Imediatamente o transportaram até o hospital da cidade. Ele conta que em nenhum momento chegou a desmaiar, mas lembra que a dor foi terrível.

Clairto permaneceu no hospital sendo avaliado e com dor por uma noite, somente no outro dia após ter realizado uma ressonância magnética verificaram que ele havia quebrado as vértebras L10 e L 11, e o maior agravo foi a lesão ter deixado dois dedos de distância uma da outra. Ele não rompeu a medula, mas salientou que o cutucão foi muito forte e as vértebras que não quebraram se apartaram muito. Então, deu início às baterias de exames, verificando se poderia passar pelo procedimento cirúrgico e anestésico.

Ele lembra que logo veio ao seu pensamento que, quem sabe se ele tivesse permanecido quieto e imóvel na hora do acidente esperando pelo socorro, as coisas pudessem ter hoje uma história diferente; e quem sabe até hoje estivesse caminhando, pois não teve fratura exposta. No procedimento ele colocou hastes de platina e parafusos, com isso ele sente fortes dores. Salienta que na sua cirurgia correu tudo bem, sempre esteve consciente.

Hoje já se passou um período de cinco anos do seu acidente, ele faz uso permanente de uma sonda urinária. Ele conta que tem muita dor o dia inteiro. Também tem alguns movimentos involuntários quando passam alguma coisa no seu pé, como nos mostrou, mas não tem firmeza e nem sensibilidade da cintura pra baixo. Ele faz uso de cadeira de rodas, suas fisioterapias eram realizadas na Associação Santanense do deficiente físico- ASSANDEF, mas relata que por ser longe de onde ele reside e as estradas serem péssimas e pelo custo alto, parou seu tratamento,

mesmo notando melhoras com ele. Para cada deslocamento à cidade, ele precisa de um vizinho para dirigir, já que não tem carro adaptado e a mulher e filho não tem carteira de habilitação. Ele sabe que isso o impossibilita de ter a melhora esperada, tendo uma regressão, o que o deixa triste.

Clairto, diz sentir muita dor e, em relação a sua qualidade de vida, salienta que seria melhor se ele conseguisse uma cadeira de rodas elétrica. Hoje ele tem uma cadeira de rodas que conseguiu em Bagé, já velha. Diz que não sabe como fazer o procedimento para conseguir uma cadeira de rodas nova e uma de banho, pois a de banho está sem condições de uso. Em conversa disse que sabe que precisa urgentemente dar continuidade às sessões de fisioterapia para conseguir esses recursos, mas reafirmou que as estradas são péssimas, a acessibilidade não existe no rural, isso faz com que a dificuldade de ir até a cidade para realizar essas atividades torne-se impossível.

Seu transporte é próprio salienta, mas por não poder dirigir, sempre necessita de alguém para levá-lo até a cidade. Relata que às vezes não consegue nenhuma pessoa das redondezas, então tem que chamar alguém da cidade que precisa vir um dia antes, pousar na sua casa, para somente assim ir a médicos, fisioterapias, comprar alguma mercadoria entre outras coisas mais, aumentando os gastos. Por ter que pagar gasolina, transporte, a pessoa que vai dirigir, despesas com almoço na cidade, as saídas ficam caras e, muitas vezes, em dia de muita chuva, nem conseguem sair do campo.

Ele tem muita ajuda da sua esposa para quase tudo, tanto para o banho, como para se sondar, pois não aprendeu até hoje a realizar sozinho, para sair da cama, até mesmo para por suas pernas para cima, porque incham muito. Bem dizer, para tudo é dependente de sua esposa. Também disse que, ao olhar dele, depois do acidente sua vida parece ter diminuído uns 10 anos. Sua maior dificuldade relata, por ser somente ele e sua esposa na região e a localidade ser na área rural do município e seus familiares morarem longe, tudo fica difícil. Pois conta somente com sua esposa e seu filho.

Após se quebrar, pegou uma bactéria que provocou uma infecção forte e quase tirou sua vida. Ele relata que tem dificuldade de se movimentar com sua cadeira nas ruas da cidade, e também tem vergonha de que as pessoas o vejam na condição de cadeirante. Desta forma, quando está na cidade, busca ficar no carro. Em uma saída até a cidade, ficou no carro com os pés erguidos perto do vidro e como não sente, teve uma queimadura de 3º grau, resultando em sua internação. Clairto contou que dirige seu carro no rural com uns acessórios improvisados por ele, como mostra figura abaixo. Ele também anda de cadeira de rodas ao redor da casa, indo

até o vizinho mais próximo. Sua mulher fica cuidando ao longe para ele não cair na estrada, que tem pedras e desníveis



Figura 14 - Clairto com seus acessórios improvisados para acionar freio e acelerador do carro. Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Clairto conta que sabe que se aventura ao dirigir assim, mas improvisou esses acessórios para se locomover na localidade, para poder pelo menos sair sem ter que pagar alguém, mas sua esposa sempre anda no carro com ele. Na cidade não vai de carro porque tem fiscalização. Clairto tem carro próprio, carteira de habilitação, mas agora necessita de adaptações pelo fato de ser cadeirante, tendo que ter carteira adaptada para sua necessidade. Isso precisa ser feito em Santa Maria, com realização de aulas, conforme eu disse a ele (pesquisei sobre o assunto porque também quero adaptar minha habilitação e poder voltar a dirigir). Clairto disse que nunca sofreu preconceito relacionado a sua deficiência física que ele tenha percebido, mas disse que tem vergonha da situação dele e muitas vezes se esconde de amigos e de outras pessoas.

Perguntei se ele nunca tinha procurado uma psicóloga para tratar essa questão, ele disse que não, mas sabe que seria importante. Na Assandef contamos com uma psicóloga atendendo gratuitamente, como contei a ele, que quer retomar seu tratamento.

Ele está adaptando sua casa para poder se locomover melhor. A casa está em obras. Também salientou que gosta muito de festas, mas por estar dependente de uma cadeira de rodas

e necessitar de ajuda, ele evita participar. Na sede do assentamento, por exemplo, não há acessibilidade e ele fica constrangido de precisar ser carregado para entrar e sair.

Quanto ao estado de estradas no meio rural, disse que são péssimas, estando agora mais ou menos, mas na estação do inverno dificulta mais. Mas conta que para ir nas comunidades ao redor e até à cidade fica ruim, pois se chove forte, as estradas ficam um lodo. Brincando, disse que pra sair teria que ser utilizado um helicóptero ou um trator, pois senão se fica atolado. Ele menciona o caso de um vizinho que teve que ser carregado sobre um trator quando estava doente para ir para a cidade devido às condições das estradas. Ele menciona que não poderia fazer isso. O que faria se ficasse doente se não consegue subir em um trator? Disse que tem dificuldade de mobilidade na cidade também, tudo por que as leis existem mas não são cumpridas e nem fiscalizadas. Em conversa, ele relatou que tem muito a aprender em relação a acessibilidade, para que possa ter uma qualidade de vida melhor e lutar por seus direitos, direito de todas as pessoas com deficiência. Ele teria que ter um transporte adequado e estradas acessíveis para sua locomoção.



Figura 15 - A conversa descontraída com Claiton. Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Clairto disse também disse em conversa, como mostra figura acima, que a saúde está muito precária e muitas das vezes em que consulta nota um descaso. Tem na memória que ao chegar no hospital da cidade, muitas vezes os médicos nem examinam e mandam para casa,

como quando queimou os pés. O médico nem olhou e disse que não era grave. Então, deslocou-se até sua casa e teve que voltar; pois a febre aumentou; e por ser longe da cidade, voltou ao hospital e permaneceu hospitalizado por 15 dias. Ele relatou ainda que, durante esses dias, apenas dois banhos foram dados pelas enfermeiras, mesmo ele pedindo ajuda. Sua esposa não conseguia tirá-lo da cama e levá-lo até o banheiro, que também era muito pequeno para um cadeirante. Incomodado com o mau cheiro e a situação degradante, ele pediu para ir para casa, onde poderia tomar banho todos os dias com ajuda da esposa.

Em conversa, perguntei se ele teve ajuda por exemplo do Incra, ou do MST (Movimento Sem Terra) quando ele se acidentou e ficou cadeirante, ele disse que não. Emocionado disse que a Assandef foi e é fundamental na vida dele, pois se ele morasse na cidade teria possibilidade de ir mais dias nas fisioterapias. Na condição dele é necessário fazer fisioterapia para não deixar enrijecer os ossos e poder ter uma qualidade de vida um pouco melhor. Uma das coisas que eu observei é que a esposa tem cuidado e muito carinho por ele. Ela precisa se operar da vesícula, mas fica irredutível, não por medo, mas por entender que não tem quem cuide bem do marido na sua ausência, pois é ela que faz tudo para ele.

6.2.2. Horizontina Rodrigues Vidal

Após entrevistar Clairto, fomos convidadas a almoçar na sua casa. Ele então pediu ao filho que nos mostrasse o caminho até a próxima entrevistada. Chegamos à casa de Horizontina, com idade de 68 anos. Ela conta que estudou até a terceira série, sendo natural de Trindade do Sul (RS). Mulher do campo desde nova, relata que tirava leite das vacas e vivia bem. Ela ficou viúva cedo e morava com seu filho e a nora. Em decorrência do falecimento do filho ocorrido recentemente, ela diz que seu mundo desabou pois não se entendia com a nora, precisou deixar sua própria casa e teve um AVC (acidente vascular cerebral), há dois anos.

Em Santana do Livramento ela morou um tempo com uma sobrinha, na cidade. Como ela começou a trabalhar fora, veio morar com o irmão na campanha, como diz. Ela reside hoje com o irmão No Assentamento Paraíso 2. Ela conta com lágrimas nos olhos que seu companheiro morreu quando foi apartar uma briga de vizinhos e também perdeu seu único filho com apenas 40 anos de idade por infarto, o que motivou ter sofrido o AVC. Contou que desde quando foi morar seu irmão no assentamento, ele paga alguém da região para cuidá-la quando saí.

Horizontina diz que sente a necessidade de cuidados permanentemente por parte de outra pessoa, pois não consegue nem tomar um banho sozinha, tendo dificuldade para limpar a

casa, cozinhar, fazer suas refeições, impossibilitada pela dificuldade que resultou após ser acometida de um AVC. Então, pediu para seu irmão levá-la para uma casa de apoio na cidade, pois assim ela teria cuidado, poderia realizar fisioterapias e, quem sabe, já estar se locomovendo sozinha sem precisar diária e permanente de ajuda de outro. Ele não aceitou.

Também salientou dizendo: “imagina se caio no chão, nas minhas condições não conseguiria me levantar”. Ela não move nada no lado esquerdo. Disse que queria muito ter seu filho novamente juntinho dela, pois com certeza ele a cuidaria.

Conta que teve que parar com as fisioterapias na cidade porque se tornou caro, até tem o carro do irmão que a levava no início, mas as estradas não colaboram, são muito ruins. No dia da visita, o carro do irmão estava em conserto na oficina e ela planejava retomar suas seções de fisioterapia na Assandef.

Ela até foi algumas vezes pagando a terceiros, mas relata que quando tem que pedir para alguém ir buscar e trazer para cidade, cobram muito caro. Algumas vezes é difícil encontrar motorista disposto a levá-la na cidade mesmo pagando, pois reclamam muito das condições das estradas. Disse que a Assandef, é muito importante para a sua recuperação, mas as estradas rurais e até mesmo parte das rodovias do município de Santana do Livramento são péssimas, dificultando o acesso ao tratamento. Ela relatou que as leis de acessibilidade existem mas não são cumpridas e fiscalizadas. Ela teve atendimento da Secretaria Municipal da Saúde e da Assandef para poder realizar o pedido para se deslocar até a cidade de Santa Maria. Lá ela tirou as medidas necessárias e agora aguarda a chegada de uma cadeira de rodas e uma de banho novas.

Enquanto não chegam as cadeiras novas, ela faz uso das cadeiras de rodas e banho emprestadas pela Assandef, as quais são de grande valia, pois assim ela pode se locomover dentro de casa e tomar seu banho.

Na região onde mora, a maior dificuldade que ela enfrenta é a de não conseguir se locomover sozinha, ser dependente de ajuda para tomar banho, ir no banheiro, etc. Mas para ir pra fora de casa fica pior ainda, porque o terreno não é plano. Ir até a cidade, pelas estradas ruins de acesso, em dias de chuva se torna pior, pois junta lama e há buracos, resultando em danificação da camioneta que o irmão tem. Tanto ela como Clairto comentaram que na região do Cerro da Cruz não tem ônibus com acessibilidade para cadeirantes.

Na cidade, salientou Horizontina, quanto à acessibilidade, para ela seria um pouco melhor, pois onde era sua a casa, o posto médico era pertinho e ela podia ir com mais frequência nas fisioterapias. Agora, como a sobrinha começou a trabalhar, ela veio morar com o irmão na campanha e tudo se dificultou.

Dona Horizontina, um pouco mais à vontade com a nossa visita e menos desconfiada, aos poucos foi se soltando e conversando de maneira a contar sua história de vida. Me emocionei com seu relato e ao mesmo tempo fiquei triste por saber das perdas e de como ela vive e gostaria de viver hoje por ter tido um AVC isquêmico e necessitar de ajuda para suas atividades, que antes fazia sozinha.



Figura 16 - Horizontina com sua peruca e seu sorriso. Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Dando continuidade à nossa conversa, dona Horizontina disse que pede muito a Deus pra voltar a caminhar, mas sem realizar as fisioterapias nota que fica difícil fazendo com que ela regreda no seu processo com a sua recuperação. Ela contou que as fisioterapeutas disseram que ela tem chance de melhorar, dizendo que a perna melhoraria primeiro, depois das mãos. Entretanto, para isso, precisaria dar continuidade às fisioterapias urgentemente.

Ela disse que para ela ter uma qualidade de vida boa no rural, teria que pelo menos conseguir caminhar, mesmo que com ajuda de um andador ou muletas, podendo fazer as coisas básicas sozinha. Então, nota-se que pela dificuldade de acesso e gastos com transporte, ela teve que parar com as fisioterapias na cidade, mas ela disse que assim que arrumarem a camionete do irmão, vai voltar para as sessões de fisioterapia.

Uma frase que ela disse, e que eu gostei, foi que ela não vê a hora de melhorar. “Porque a primeira coisa que vou fazer vai ser colocar minha peruca, subir lá no alto do cerro e descer

correndo e ir bailar” (Horizontalina). Antes de retornar à cidade, comemos juntas as laranjas que ganhamos de Clairto e recebemos convite para voltar a visitá-la. Assim também aconteceu na visita anterior, as entrevistas se transformam em laços de amizade.

6.2.3 Gilmar Antônio Erthal

Gilmar Antônio Erthal, hoje com 38 anos, é oriundo de Três Passos. Ele ficou por 1 ano e oito meses no acampamento em Cruz Alta, vindo para Santana do Livramento em julho de 2002, depois de ter conquistado seu pedaço de terra no Assentamento Conquista do Cerro da Liberdade. Filho de agricultor, hoje seu pai planta miudezas, apenas para consumo próprio, seguindo sendo o forte da família a criação de gado.

Gilmar tem mobilidade reduzida após sofrer um AVC hemorrágico, quando tinha apenas trinta e dois anos. No seu procedimento cirúrgico ele retirou da nuca um coágulo do tamanho de uma laranja, que o deixou na UTI do hospital por quarenta dias, em coma, ligado por aparelhos. Os médicos não davam muita chance de vida, pois não mexia nada. Ele era casado, hoje separado e pai de quatro filhos.

Em conversa, Gilmar disse, que lembra em detalhes do dia em que ele teve o AVC. Lembra muito bem que era um sábado, ele na época residia na cidade de Panambi com seu irmão por já ser separado.

Gilmar lembra que no dia do AVC (Acidente Vascular Cerebral) se levantou para ir ao banheiro; e já sentindo uma forte dor na região da nuca, pensou em ficar na cama até mais tarde, e por ser sábado, pensou em descansar. Mas notando que a dor era forte demais e começando a ficar tonto, foi até o quarto do irmão, conseguindo tocar na perna do irmão, dando tempo somente para isso, antes de desmaiar. Passou quarenta dias no hospital, e depois, tendo alta, ele resolveu voltar e morar com seu pai, por ele ser um senhor com idade de setenta e um anos e estar morando sozinho no campo. Seu pai disse que ele iria ajudar a cuidar dele, então voltou.



Figura 17 - Entrevista com Gilmar. Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Gilmar conta que seu pai adaptou barras para ele caminhar e fazia os exercícios com ele, que não foi fácil, mas teve apoio total do pai. Claro que tudo mudou na vida dele. Como ele mora em área rural, é mais difícil o acesso para ir à cidade tornando-se péssima a estrada em dias de chuva. Seu tratamento é realizado em Cruz Alta, no INCA, tudo é realizado particular, pois o médico que atende desde a época de quando acometeu o AVC, não atende mais pelo SUS, mas é muito bom. Gilmar disse que no início o SUS pagava a metade do tratamento e ele a outra.

Perguntei como hoje, ele fazendo suas revisões com atendimento particular, por conta própria, fazia para ir e com os gastos com consulta, medicamentos, alimentação e transporte. Ele relatou que marca as consultas e a Secretaria Municipal da Saúde o leva e traz, que pelo menos com isso ele não gasta nada. Ele tinha parado as fisioterapias, por causa das estradas e pela distância, voltando agora depois de quase sete meses parado.

Gilmar conta que antes de estar assim, ele adorava andar de moto. Hoje, tendo que andar somente de carro, torna-se caro o custo com a locomoção da casa dele no assentamento até a sede onde realiza as fisioterapias, são 38 km. Imagine-se o gasto com gasolina com três deslocamentos na semana. Hoje volta com apenas dois dias de sessão de fisioterapia, mas pelo menos não vai ficar sem realizar disse. Claito também pretendia retornar às sessões realizando duas por semana (o solicitado pela fisioterapeuta é três) para diminuir gastos.

Gilmar conta que tinha uma qualidade de vida boa antes de sofrer o AVC (Acidente Vascular Cerebral), mas hoje muitas coisas se tornaram impossíveis. Ele disse que a qualidade

de vida poderia sim ser bem melhor, se os colonos tivessem mais assistência, mas, neste momento ainda dá pra levar. Ele tem esperança que melhore.

Em meio à conversa, Gilmar diz que as dificuldades que ele encontra em relação à acessibilidade no meio rural de Santana do Livramento, em primeiro lugar, são as estradas péssimas. Na cidade as ruas são ruins também e os motoristas não tem muito respeito com os deficientes, diz.



Figura 18 - Gilmar na barra na seção de fisioterapia. Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Ele reclama que não encontra no rural e nem no urbano de Santana do Livramento, transporte de fácil acesso e nem com segurança que dê tranquilidade. Pois ele não encontra quase nada de transporte adaptado para deficientes. Ele nunca sofreu preconceito, mas comentou que sabe que muitas pessoas se incomodam pela fala dele que, pelo AVC, deixou sequelas que dificultam o entendimento.

Perguntei o que poderia ser feito, na opinião dele, para que os deficientes tivessem acesso adequado aos estabelecimentos públicos e privados nos meios rural e urbano do

município de Santana do Livramento. Ele me respondeu que muita gente acha que deficiente não tem condições de fazer nada, mas ele pensa que em cada departamento de órgãos públicos ou privados tinha que ter uma rampa de acesso, mas dentro nas normas legais, não de qualquer jeito, como ele já visualizou em alguns lugares.

Sua maior dificuldade em relação a acessibilidade no município de Santana do Livramento são as vagas especiais, que não são respeitadas. Ele se locomove sempre com ajuda de outras pessoas e fazendo uso de muletas. Ele disse que o cuidado dos governos ao planejar e construir acessos para as pessoas deveria melhorar, mas com o atual governo se torna quase que impossível, indo embora todas as suas esperanças.

6.2.4. Maria Loiva Farias Morel

Maria Loiva Farias Morel tem 67 anos de idade e vive no Passo dos Guedes. Ela tem mobilidade reduzida e sequelas de artrite reumatoide infantil adquirida aos 10 anos de idade. Ela conta que, naquela época, em Livramento, não havia médico na área de reumatologia. Precisou sair da escola por dois anos na época. Quando melhorou, voltou a estudar. Mas aos 15 anos teve outra crise muito forte que a impossibilitou de estudar. Passando alguns anos, voltou a caminhar com uso de muletas, fez supletivo do 1º e 2º grau pela 19ª coordenadoria de ensino. Quando sua família adquiriu um transporte, Loiva fez o vestibular para Ciências Contábeis e, durante o curso, foi vice presidente do diretório acadêmico na URCAMP.

É fundadora da associação de pessoa com deficiência (PcD). No início teve que sair batendo de porta em porta juntamente com uma das fundadoras denominada Marina Silva, para pedir material de construção para arrumar a sede da entidade na cidade, após ter pedido a casa emprestada. Lá ficou trabalhando como voluntária por 30 anos.

Loiva, como gosta de ser chamada, disse que se locomove bem com a ajuda das muletas, e teve que adaptar tudo na sua casa para sua melhor locomoção. Contou Loiva que sua cama foi feita com um altura ideal para facilitar, no banheiro tem uma cadeira de banho que permite que ela seja independente, somente para lavar a cabeça que precisa de ajuda e para vestir meias e as botas, pois o reumatismo deixou os membros com muita rigidez.



Figura 19 - Maria Loiva com suas bengalas. Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada, 2019.

Ela também conta que fez parte do Conselho Municipal de Saúde, Conselho Fiscal da Santa Casa, foi presidente da Associação de Moradores da Vila Soares, onde residia desde pequena. Maria Loiva diz que qualidade de vida para ela é saber valorizar o que tem, aproveitar todos os bons momentos da vida, ser positiva, solidária e persistente, ter bons pensamentos, conviver bem com a família e amigos.

Quando perguntei quais seriam suas dificuldades em relação à acessibilidade no rural, ela disse que as dificuldades são as mesmas que as da cidade. Essas dificuldades são acrescidas

pelas distâncias e estradas em péssimas condições de trafegabilidade. As péssimas condições das calçadas também oferecem riscos a todas as pessoas na cidade, principalmente as PcD.

Também disse que falta transporte público com acessibilidade, que não existe em Livramento. “Desenho Universal”. Falta professores de Libras, de Braille, e materiais de ajuda técnica e pedagógica. Para a senhora Loiva, a melhoria que acredita ser necessárias, seria o cumprimento das Leis. Terem o Desenho Universal igual Para Todos. Em sua rotina, em relação à acessibilidade, ela só faz uso de carro particular ou de táxi, pois não tem condições de fazer uso de ônibus.

Em relação ao transporte em Livramento, só uma empresa tem um ônibus com elevador, e mesmo assim muitas vezes o motorista não quer baixá-lo para quem não é cadeirante. Escadas altas não tenho forças para alcançar o corpo, relata. Não tem mobilidade nas pernas para alcançar os degraus.

No que diz respeito à tranquilidade e segurança do transporte relatou que não é fácil, pois aqui praticamente inexistente. Sobre preconceito por causa da sua condição física, ela disse que já sofreu várias vezes, principalmente em vaga para emprego e concursos públicos. E para que as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, tivessem acesso adequado aos estabelecimentos públicos e privados no urbano como no meio rural, a senhora Loiva disse que seria necessário o cumprimento das leis e as normas técnicas postas em execução.

A entrevistada diz que os governantes teriam que lembrar das PcD na hora de elaborarem seus projetos, que os políticos não deveriam privilegiar os empresários, desculpendo e deixando de multá-los quando não cumprem as leis em relação a PcD na acessibilidade.

Loiva ainda diz que percebe o descuido do governo em relação ao transporte: “Falta de transporte Público Acessível”. Mas ela tem esperança nessas mudanças, pois vai promover consequentemente acesso à educação, saúde, trabalho, lazer. Sem transporte é impossível ter uma vida participativa, usufruindo de todos os bens e serviços colocados à disposição de todos os cidadãos.

Ela também relatou que fez fisioterapia na Assandef, mas nunca de forma regular, pois trabalhava no atendimento ao público e na parte burocrática, pois no início não tinham funcionários, só os fisioterapeutas. Então, se tivesse alguma pessoa no horário para ela atender, ela não fazia a fisioterapia, ou no caso de chegar atrasada também não, para respeitar os horários.

Conforme a entrevistada, a Assandef ajudou-a muito a crescer como pessoa, sendo mais cidadã, buscando abrir caminhos para que outras pessoas pudessem ter uma vida melhor, sem

sofrer tantas discriminações podendo ser vistas e reconhecidas pela sociedade como pessoas com direitos, como as demais.

6.3. LOCAL DE ENCONTRO: ASSANDEF

A ASSANDEF foi o ponto de encontro de nossas histórias. Sou presidente da associação onde faço meus atendimentos, assim como fazem, ou já fizeram os/as entrevistados/as. Considerando a importância da associação para o município, para nós que temos deficiência física ou mobilidade reduzida, e para nosso encontro, falo sobre ela na sequência.

A Associação Santanense do Deficiente Físico (ASSANDEF) é uma associação sem fins lucrativos que tem trinta anos, situada na cidade de Santana do Livramento/RS. Sua missão é promover ações e serviços que mobilizem a sociedade, visando a inclusão da pessoa com deficiência (PCD) na conquista de sua plena cidadania, conforme o Estatuto da ASSANDEF (1989).

Ela conta com grande número de sócios no dia de hoje, sem limitar a entrada de novos/as usuários/as, sem distinção de cor, nacionalidade, religião ou partido político. A finalidade dela é promover ações que mobilizem todos os setores da sociedade visando a inclusão de pessoa com deficiência na conquista de plena cidadania. Tudo teve início em 1989 quando um grupo de amigos/as formado por pessoas com deficiência de Santana do Livramento sentiram a necessidade de ter uma associação jurídica que lhes proporcionasse uma maior integração social já que inexistia qualquer entidade desta natureza direcionada à pessoa com deficiência. Então, em 10 de abril de 1989 nascia a Associação Santanense do Deficiente Físico, sendo fundada com participação de 20 sócios/as fundadores/as.

No início, o trabalho foi primeiramente cadastrar as pessoas com deficiência existentes na cidade, analisando as causas, condições sociais, culturais e econômicas, conforme relato de uma sócia fundadora. Todo esse trabalho foi realizado com participação das associações de bairros e igrejas locais, sendo essas atividades realizadas e as reuniões do grupo em uma sala cedida pela academia Lampert centro de dança, onde permaneceram por dois anos. Atualmente, a associação mantém parceria com a academia de dança com outros serviços. Então logo foi solicitado ao empresário senhor Guilherme Brisola o empréstimo de um prédio para servir de sede o qual foi cedido e passado por reformas e adaptações que atendesse as necessidades da pessoa com deficiência.

A sede foi inaugurada em janeiro de 1991, na Rua General Câmara, nº 1324, onde permaneceu até novembro de 2013. Passando esses anos foi pedido o prédio, e assim a Assandef

passou a se estabelecer na sua nova sede, Rua Doroteo Aguirre, nº 405 Cohab do Armour, no prédio no qual era o antigo centro social. No dia 21 de novembro de 2013, a associação deu continuidade a seus serviços em um lugar mais amplo, agora cedido pelo governo do estado. O prédio também teve que passar por muitas reformas e como a organização é uma denominação sem fins lucrativos, buscou meios de reverter em dinheiro toda a ajuda possível para assim ir aos poucos reformando cada parte do prédio para um melhor atendimento e acolhimento para as pessoas que procurassem a instituição pelos seus serviços prestados e até mesmo a procura da comunidade.

A associação atua na oferta de atendimentos diretos às pessoas com deficiência e suas famílias nas áreas da saúde e assistência social. Também atua na realização de eventos sociais beneficentes, culturais, educacionais, profissionais, político, saúde, esportivos, tendo em cada evento um objetivo. Os eventos sociais são os almoços, jantares, chás sendo eles beneficentes para reverter em dinheiro para se manter assim os serviços de qualidade na instituição e demais obrigações como pagamento de funcionários e despesas da instituição. Também realizamos reuniões de convivência e fortalecimento de vínculos onde participam membros de diretoria, conselho fiscal, funcionários, usuários da fisioterapia, colaboradores, amigos, familiares com o propósito de fortalecer o laço de amizade e fraternidade de todos e mantém contato com associações co-irmãs através de correspondências e visitas.

Na área cultural, realizamos gincanas, concursos literário e desenho. Na educacional, temos um grupo de dança inclusiva, o Giro Livre, distribuição de panfletos informativo sobre pessoas com deficiência (PcD) e palestras. Na política, atuamos através de correspondências às autoridades governantes e sempre que possível nós fazemos presente em solenidades e atos públicos, dentre elas a participação nos conselhos de direito com assento direto e voz e voto buscando reivindicar a regulamentação e o cumprimento das leis às autoridades governamentais. Dispomos de diversos serviços e atividades como fisioterapia, serviços social, Tai chi Chuan, dança e esporte em cadeira de rodas, oficinas de artesanato e reuniões de convivência e fortalecimento de vínculos.

De forma permanente, buscamos políticas públicas para a valorização das capacidades das pessoas com deficiência reconhecendo que, para que isso aconteça de fato, faz-se necessário urgentemente que a sociedade em todos os setores se envolva e contribua para a construção de uma sociedade inclusiva e acessível, garantindo os direitos das pessoas com deficiência sempre sob a perspectiva dos direitos humanos igualdade - equidade - justiça. Contamos com uma equipe de três profissionais da área recuperadora e mantenedora para as pessoas com deficiência de menor poder aquisitivo. Todo o processo é feito através de uma triagem com

encaminhamento do médico e assim agendado pela secretaria da instituição, onde um de nossos profissionais de fisioterapia avalia e coloca numa lista de espera que determina a ordem de chamamento, se possível de imediato. O atendimento somente é feito para pessoas com idade superior a 6 anos e problemas neurológicos, dependendo do grau de sequelas.

A Assandef é muito importante para deficientes físicos e pessoas com mobilidade reduzida em Santana do Livramento. Buscamos apoio em diversos lugares para continuar a prestar esses serviços e a unir histórias de luta no município.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo possibilitou entender em que medida a ideia de desenvolvimento rural inclui ou exclui as pessoas que têm algum tipo de dificuldade de locomoção. E entendi que ela exclui.

Precisamos evoluir e muito nos cuidados com as leis de acessibilidade em espaços públicos e privados para pessoas como eu poderem se sentir incluídos e não excluídos da sociedade. Por isso meu trabalho é sobre a acessibilidade e desenvolvimento no rural, para fazer com que órgãos do setor privado e públicos, deem mais atenção não só no urbano, mas também na área rural do município de Santana do Livramento.

Somente assim poderemos ter acesso com segurança e sermos incluídos na sociedade e em todos os lugares mesmo com nossas limitações. Assim, quando mais pessoas com algum tipo de deficiência pensarem em realizar uma atividade, que tenham segurança e acesso adequado, sem precisar passar por constrangimentos, como passei.

As trajetórias de vida dessas pessoas se diferenciam bastante entre si, mas todas são moradoras do meio rural que buscam por uma qualidade de vida melhor. Todas mostraram que se identificam com o campo, mas sofrem com suas limitações e dificuldade de acesso para sua mobilidade, com as estradas em péssimas condições. Isto faz com que eles/as se entristeçam, pois não conseguem realizar suas atividades, como por exemplo o acesso à saúde, à cidade, etc.

Através dessa pesquisa busco fazer com que a sociedade seja mais consciente dessa expressiva população de pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, que requerem uma atenção especial nas condições de acessibilidade, e que sejam lembradas na hora de realizarem projetos. Que o rural e a cidade sejam para todos, e não só para os fortes e saudáveis. Que as barreiras arquitetônicas e as barreiras atitudinais, que geram a exclusão sejam banidas da sociedade. Que as diferenças possam ser respeitadas e todos possam usufruir de seus direitos como cidadão em uma sociedade justa e igualitária não somente na área urbana do município de Santana do Livramento, mas também no rural.

Espera-se que este estudo tenha uma contribuição positiva para a compreensão do tema e sirva para mostrar que essas pessoas que tenham algum tipo de dificuldade de locomoção que elas merecem ter visibilidade para serem ouvidas e respeitadas em igualdade como um todo, sem excluir. Que isso aconteça em todos os lugares, como no rural, na cidade e na universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSANDEF. Disponível em: www.assandef@assandef.com.br. Acesso em: 18/10/2019.

Acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Disponível em: <https://centraldefavoritos.com.br/2018/04/19/decreto-5-296-2004->. Acesso em: 27/10/19.

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2/12/04, **Lei da Acessibilidade**.

_____ **DECRETO Nº 5.296, de 2 de Dezembro de 2004. Regulamenta as Leis Nº 10.048, de 8 de novembro de 200 e a Lei Nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000.** Brasília, DF.

_____ **LEI Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-018/2015/lei/113146.htm. acesso:20/10/19

Acesso em: 04/11/2019.

_____ **LEI DA ACESSIBILIDADE- Decreto Lei 5.296.** Disponível em:

<http://www.acessibilidadebrasil.org.br/joomla/lei-de-acessibilidade-decreto-lei-5296>. Acesso em: 19/08/2019.

BAPTISTA, F.O. **Agricultores e Territórios**. Oeiras, Portugal: Celta, 2001.

CASTRO, Heloísa Vitória de. **Educação Especial e Inclusão de Pessoas com Deficiência na**

Escola: Um Olhar Histórico – Social. Disponível

em:<<http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/up/248/o/1.4.27.pdf>>. Acesso em 20/10/19.

COSTA; A. 2008. **El Buen Vivir, uma oportunidade por Construir**. Equador Debate, Quito, 75:33-47.

CHOQUEHUANCA C., D. **Hacia La reconstrucción del Vivir Bien**. América Latina en movimiento, 2010.

GUDYNAS, 2011.**Buen Vivir: Germinando alternativas al desarrollo**.

LANG, Marquinho - **FADERS- Fórum em Santana do Livramento-**

173ª edição do Fórum Permanente da Política Pública Estadual para Pessoas com Deficiência e Pessoas com Altas Habilidades. Disponível em: <http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/noticias/>. Acesso:27/09/19.

NEVES, José Luís. **Pesquisa Qualitativa** – Características, Usos e Possibilidades. 2011.

SACHS. W. **Dicionário do Desenvolvimento-** Guia para o conhecimento como Poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SCHNEIDER, S. **Dossiê – Ciências sociais e Desenvolvimento**. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, n.27, mai./ago. 2011 pg.14-23

SASSAKI, R.K. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. In: Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano V, n 24, jan./fev.2002, p.6-9.Disponível em: <https://www.selursocial.org.br/terminologia.html>. Acesso em 05/11/19.

VEIGA, J. E. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

VEIGA, J.E. **A face territorial do desenvolvimento**. Universidade de São Paulo,2001.

VAN DEPOELE, 2000. Análise do desenvolvimento rural

KAGEYAMA.A.A. **Desenvolvimento Rural: conceitos e aplicações ao caso Brasileiro**. POA: Ed. da UFRGS, 2008.

FADERS, Marquinho Lang

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiro de Questões

- 1) Nome completo:
- 2) Sexo:
- 3) Qual sua deficiência?
- 4) Me conte sobre você
- 5) O que entende por qualidade de vida?
- 6) Quais suas dificuldades encontradas em relação a acessibilidade no meio rural e no meio urbano de Santana do Livramento?
- 7) Quais melhorias você acredita serem necessárias para lhe proporcionar conforto ao se locomover nessas áreas rurais e urbanas?
- 8) Qual sua rotina com relação a acessibilidade?
- 9) Sobre transporte, é fácil encontrar e utilizar transporte público adaptado que lhe deem tranquilidade e segurança?
- 10) Você já sofreu algum tipo de preconceito?
- 11) O que poderia ser feito para que os deficientes físicos tivessem acesso adequado aos estabelecimentos públicos e privados no urbano assim como meio rural?
- 12) Como você faz para se locomover em lugares que não oferecem acessibilidade?
- 13) Você percebe o cuidado do governo em relação a acessibilidade em vias e transportes, como ônibus para deficientes? Ou essa preocupação não existe? Ainda tem esperança nessas mudanças?

APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo:

Pesquisador responsável:

Prof. Orientador:

Instituição: UERGS Santana do Livramento

Telefone para contato:

Prezado (a) Entrevistado (a),

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O objetivo desse estudo é entender em que medida a ideia de desenvolvimento rural inclui ou exclui as pessoas que tem dificuldade de locomoção no município de Santana do Livramento/RS, buscando assim pesquisar as construções teóricas que aproximam o desenvolvimento rural da acessibilidade, ou as ausências. Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas na concessão desta entrevista, respondendo às perguntas formuladas. A entrevista poderá ser gravada, caso seja autorizada a gravação. Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável. Os sujeitos da pesquisa serão identificados ou não, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu, _____ de RG _____ ou CPF _____, declaro, através desse documento, que aceito que a utilização das informações que forneci em entrevista para Silvia Michele Dias Alvez seja feita no seu trabalho de conclusão de curso em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, bem como autorizo a utilização das informações em publicações resultantes da monografia. Autorizo ainda a utilização do nome e fotografias. Tendo assinado este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santana do Livramento, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do entrevistado (a)

Pesquisadora responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida, entre em contato: UERGS Santana do Livramento, Rivadavia Correia, 825. Telefone: (055)32441440, Orientadora Prof. Dra. Cassiane da Costa.